Brasília e o Distrito Federal: a utopia modernista e suas contradições 50 anos depois[1]

Autora: Dácia Ibiapina da Silva

Universidade de Brasília/Faculdade de Comunicação/Programa de Pós-Graduação em Comunicação/ Linha de Pesquisa Políticas de Comunicação e de Cultura

RESUMO

No cinqüentenário de Brasília, o Distrito Federal tem 2.654.059 habitantes e 1.836.280 eleitores, sendo que apenas cerca de 6% destes reside e vota plano piloto. Brasília foi construída para ser um exemplo de aplicação das teorias modernistas de planejamento urbano e arquitetura. Uma das premissas do projeto era de que uma capital modernista instalada no centro geográfico do país poderia transformá-lo e promover saltos em seu desenvolvimento. Esta era a utopia da mudança da capital. A contradição era que a capital imaginada deveria ser construída e habitada pelos brasileiros de então e de acordo com as condições então existentes. A história mostrou que as premissas utópicas foram subvertidas pelas contradições. Este trabalho analisa o estado atual dessas contradições, com ênfase nas relações entre o plano piloto e a periferia de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília; plano piloto; cidades satélites; modernismo; política e cultura.

Introdução

O cinqüentenário de Brasília foi comemorado em 21/04/2010. Como moradora da capital há 17 anos, foi inevitável aproveitar a ocasião para ler e refletir sobre o que representou para o país a mudança de sua capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central do Brasil, bem como sobre os desdobramentos deste projeto ao longo de seus primeiros 50 anos. Até porque durante os meses que antecederam as comemorações, os cidadãos de Brasília, por uma série de circunstâncias, não conseguiam pensar ou falar de outra coisa que não fosse: que cidade é essa? Quem somos nós que a habitamos? Como e por que moramos aqui?

[1] Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do X Encontro de Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Brasília jamais poderá esquecer o ano de 2010. Um turbilhão de acontecimentos relevantes se precipitou sobre a cidade ainda no final de 2009. Dentre eles se destacam: o aniversário de 50 anos; a crise política desencadeada pela chamada Operação Caixa de Pandora, da Polícia Federal, a partir de 27/11/2009, que culminou com a prisão do então Governador do Distrito Federal José Roberto Arruda, em 11/02/2010. Por pouco Brasília não festejou seu cinqüentenário com o ex-governador preso. Ele foi solto em 12/04/2010. Os outros dois fatos a pautar as reflexões dos habitantes do Distrito Federal no primeiro quadrimestre de 2010 foram: as eleições de outubro de 2010 e a chamada "Tragédia de Luziânia": desaparecimento de 06 jovens do sexo masculino, entre 13 e 19 anos, no período entre 30/12/2009 e 22/01/2010, vítimas de um ex-presidiário pedófilo que confessou ter assassinado os rapazes após abusar sexualmente deles. Preso em 10/04/2010, após 101 dias do primeiro desaparecimento, Admar de Jesus, ficou detido dentro de uma cela na Delegacia de Combate a Narcóticos (DENARC), em Goiânia, onde foi encontrado morto supostamente por enforcamento em 18/04/2010.

Neste contexto, a frase que Karl Marx utilizou no *Manifesto comunista* para abordar o capitalismo: "Tudo que é sólido desmancha no ar", apropriada por Marshall Berman para intitular seu livro clássico sobre a modernidade, passou a fazer todo o sentido. Os sólidos monumentos de concreto armado de Brasília pareciam se desmoronar aos olhos dos moradores do Distrito Federal. Foi como se estes estivessem sendo empurrados pela História para dentro dela. A auto-reflexão e a reflexão sobre a cidade tornou-se inevitável. O Distrito Federal, que já era pautado cotidianamente pela mídia local e nacional por ser a sede dos três poderes da República, ganhou mais espaço ainda, tendo em vista os acontecimentos mencionados acima, aos quais voltaremos oportunamente.

Este texto revisita alguns textos de Ciências Sociais que empreenderam o esforço de analisar o projeto de Brasília à luz de referenciais teóricos sobre modernidade e modernização, além de apontar minimamente o estado das premissas utópicas, bem como dos paradoxos de Brasília e do Distrito Federal após 50 anos de sua inauguração.

Brasília e o Palácio de Cristal: a utopia modernista

O livro *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, de Marshall Berman, cuja primeira edição foi publicada em 1982, embora não mencione Brasília em nenhum dos seus capítulos, é uma fonte de inspiração para pensar sobre o projeto modernista de transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para o centro do país. Posteriormente, Berman falou sim, sobre Brasília. O fez no prólogo do livro aqui mencionado, na edição da *Penguin Books* de 1988. Sobre Brasília, diz ele:

> Ao nível da terra, onde as pessoas realmente vivem e trabalham, resultou ser uma das cidades mais tristes que conheci. Este não é o lugar para fazer uma descrição detalhada do desenho de Brasília, não obstante a impressão que produz – confirmada por todos os brasileiros que conheci – é a de imensos espaços vazios onde o indivíduo se sente perdido, tanto quanto o homem na lua. Há uma ausência deliberada de espaços públicos onde as pessoas possam se reunir e conversar, ou simplesmente olharem-se uns aos outros e passar o tempo. A grande tradição do urbanismo latino-americano, onde a vida da cidade gira em torno de uma praça principal, foi aqui rechaçada explicitamente". (BERMAN, 1988, p. 5).

As críticas deste autor foram prontamente contestadas por Oscar Niemeyer e seus admiradores, sob a alegação de que Brasília seria um símbolo das aspirações e desejos dos brasileiros, além de ser "uma das encarnações supremas do modernismo"; e que, portanto, "atacar" seu projeto era ofender o povo brasileiro.

As observações de Berman sobre Brasília que se encontram neste prólogo são fruto de uma viagem que fez ao Brasil em agosto de 1987, para divulgar e debater seu livro. Sua primeira escala foi em Brasília. Esteve também no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Recife. Como não são muitas, cabe aqui mais uma citação:

> Niemeyer e Costa, seguindo Le Corbusier, acreditavam que o arquiteto moderno devia utilizar a tecnologia para encarnar certas formas ideais e eternas. Se era possível fazê-lo para uma cidade inteira, tal cidade seria perfeita e completa; seus limites poderiam se estender, mas nunca a partir de seu interior. Igual ao Palácio de Cristal, tal como é concebido em *Memórias do subsolo*, a Brasília de Costa e Niemeyer deixou seus cidadãos, e aos de todo o país, 'sem ter o que fazer'. (BERMAN, 1988, p. 6).

O Palácio de Cristal foi uma construção em ferro fundido, madeira e vidro, erguida no *Hyde Park* em Londres para acolher a Grande Exposição de 1851[2]. Foi projetado pelo arquiteto inglês Joseph Paxton. Finda a exposição, o edifício foi

[2] "A Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações". A primeira exposição internacional de indústria. Segundo Gibbs-Smith: "Pela primeira vez na história do mundo, os homens das Artes, Ciência e Comércio foram autorizados pelos seus respectivos governos a reunir-se para discutirem e promoverem os objetivos para os quais as nações civilizadas existem". Sitío na Internet http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Exposição acessado em 15/07/2010.

transladado para outra região de Londres – *Sydenham Hill* - onde permaneceu até ser destruído por um incêndio em 1936. Esta obra entrou para a História como um ícone da modernidade, tanto por sua arquitetura, quanto pela engenharia e pelo próprio motivo para o qual foi construído. Enquanto existiu, recebeu a visita de muitos turistas e, também, de engenheiros e arquitetos, artistas e cientistas de vários países. Os escritores russos Nicolai Chernyshevsky e Fyodor Dostoiévsky estão entre os que o visitaram. O primeiro o viu em 1859 e o segundo em 1862.

> Para os russos da metade do século XIX, o palácio de Cristal foi um dos sonhos modernos mais constrangedores e inesquecíveis. O extraordinário impacto psíquico que teve sobre os russos (...) provém de sua função de espectro de modernização perseguindo toda uma nação que se contorcia convulsivamente na angústia do atraso. (BERMAN, 1986, p. 224).

Para este autor, o surgimento da modernidade impactou de forma distinta a subjetividade de artistas e cientistas que viviam em países avançados e a dos que viviam em países atrasados. Em países como França e Inglaterra, por exemplo, a economia e tecnologia modernas chegaram de forma concomitante com as idéias modernistas. O mesmo não aconteceu na Rússia, por exemplo, onde as artes e o pensamento modernos nascem ainda sob o regime *czrista*, onde o subdesenvolvimento político, econômico e social demorou a ceder. Se, por exemplo, a Revolução Francesa aconteceu em 1789, a Revolução Soviética tardou; e só ocorreu em 1917.

Berman analisa a modernidade a partir das artes e das ciências sociais. Começa analisando *O Fausto* de Goethe, considerado por Puchkin a "Ilíada da vida moderna". Segue analisando alguns aspectos da obra de Marx, dedicando especial atenção ao *Manifesto Comunista*, onde encontra o título de seu livro: "Tudo que é sólido desmancha no ar". A terceira parte, sobre a urbanização modernista de Paris, é construída com base na literatura de Baudelaire e no projeto urbanístico do Barão Haussmann para a cidade de Paris, centrado na construção de bulevares e de grandes avenidas. Em seguida, na quarta parte, ele analisa obras de escritores russos, com ênfase em Dostoievsky, em busca de idéias modernistas encarnadas em personagens que viviam em São Petersburgo, cidade cuja construção foi iniciada pelo *Czar* Pedro I, em 1703, com o intuito de transferir a capital da Rússia de Moscou, com séculos de tradição imperial e religiosa, para uma cidade "moderna". Pedro I pretendia que a Rússia tivesse "uma janela para a Europa". Razão pela qual importou arquitetos e engenheiros

europeus para projetá-la e planejá-la. Seu plano era fazer a Rússia atingir a modernização sem a modernidade. É inevitável associar a utopia modernista do *Czar* Pedro I da Rússia, com a do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, que construiu e inaugurou Brasília. Finalmente, na quinta e última parte, Berman se detém sobre o modernismo em Nova York, a partir dos projetos de engenharia e arquitetura de Robert Moses, cujo ícone é a "via expressa".

Berman argumenta que a modernidade é obra do capitalismo e da burguesia e que mudou o mundo de forma definitiva. Ser moderno é construir para destruir em seguida, seja no plano físico ou no plano das idéias. O homem moderno vive em um mundo que muda constantemente. Sente mais prazer em edificar do que em habitar o edifício, razão pela qual não lhe custa muito destruí-lo.

Seguindo os passos de Berman, acredito ser oportuno refletir sobre o projeto modernista de Brasília a partir das artes. Brasília já foi tema de filmes, músicas e textos literários. O filme documentário, *Conterrâneos velhos de guerra*, do cineasta Vladimir Carvalho, é um bom exemplo. Na música, Brasília foi cantada por muitos, especialmente pelas bandas de *rock* dos anos 70 e 80, sendo Renato Russo, compositor e vocalista da banda Legião Urbana, falecido em 1996, um dos mais conhecidos. Uma boa interpretação da vida na periferia de Brasília pode ser encontrada nas letras de *rappers* de expressão nacional, dentre os quais se destaca Ex, da banda de *rap* Câmbio Negro, da cidade satélite de Ceilândia. Na literatura, a poesia de Nicolas Behr também oferece uma leitura instigante da cidade. Em prosa, foi lançado já este ano um romance, *Cidade Livre*, do escritor João Almino, onde se pode seguir o cotidiano de personagens ambientados em Brasília e em sua periferia no período que vai do início da construção à inauguração da nova capital. Aqui o leitor acompanha o andamento das obras e da ocupação do Distrito Federal pelo olhar atento de um narrador menino, morador da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. As interpretações subjetivas de Brasília e de sua periferia pelos seus artistas é um tema que certamente merece ser abordado em texto específico, razão pela qual é apenas apontado aqui.

A cidade modernista por James Holston

Outro autor cuja leitura pode ajudar na reflexão sobre Brasília em seu cinqüentenário é o antropólogo norte-americano James Holston. Seu livro *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia* é resultado de sua tese de doutorado

defendida na Universidade de Yale. A pesquisa de campo em Brasília foi realizada entre 1980 e 1982. A versão original do livro foi publicada pela Universidade de Chicago em 1989 e a versão brasileira em 1993. A partir de então Holston se tornou uma referência para o estudo do tema cidade e modernidade.

Holston enfoca em seu livro as premissas e os paradoxos do projeto arquitetônico e urbanístico de Brasília. Ressalta primeiramente a sensação de separação que sentiu ele próprio e que, segundo ele, sentiam também os migrantes ao chegarem à nova capital. Trata-se da distância entre "A Brasília modernista e o Brasil de todos os dias". Diz ele:

> (...) todos compartilham o sentimento da separação existente entre a cidade e o resto do país, que essa viagem faz perceber com nitidez. Para o migrante, é esta passagem que firma a identidade de Brasília como uma cidade de fronteira, como um projeto de desenvolvimento, como um experimento utópico em urbanismo moderno, como um centro desgarrado de poder político, como um Eldorado de oportunidades. (HOLSTON, 1993, p. 11).

A primeira premissa apontada por este autor é de que Brasília foi construída e inaugurada para transformar a sociedade Brasileira, ou, em suas palavras: "uma nova cidade pode criar uma ordem social segundo a sua imagem". No caso de Brasília, não foi a sociedade que demandou certo tipo de arquitetura, foi a arquitetura que pretendeu determinar a sociedade. O projeto modernista foi apresentado aqui como encarnação da modernização como ideologia de desenvolvimento, bem como da tentativa de reescrever a história do país. O que levou necessariamente a um paradoxo: o futuro imaginado e desejado negava as condições sócio-econômicas então existentes no país.

> Essa diferença utópica entre a capital e o país significava que o planejamento de Brasília tinha de negar o Brasil existente. Assim, o plano piloto apresenta a fundação da cidade como se não tivesse nenhuma história. De modo similar, o governo pretendia inaugurar a cidade construída como se esta não tivesse uma história de construção e de ocupação. (HOLSTON, 1993, p.199).

A pesquisa aponta com muita propriedade que as contradições afloraram já durante a construção e que seguiram durante a ocupação. A fase da construção, que vai de 1956 a 1960, atraiu para Brasília engenheiros, arquitetos, urbanistas e grandes empresários da construção civil. Atraiu também operários, pequenos comerciantes, desempregados, retirantes vindos do Nordeste e diversos tipos de aventureiros. As

campanhas de recrutamento adotaram o discurso da integração nacional e do desenvolvimento, da "solidariedade e democracia da frente pioneira". Este discurso era negado pelas condições de trabalho nos canteiros de obra. O que os pioneiros e candangos encontravam ao chegarem a Brasília era a estratificação social com base no "status". Pioneiros e candangos não eram iguais. Pioneiro era uma espécie de título honorífico conferido aos que chegaram primeiro: funcionários públicos, profissionais liberais, comerciantes, agricultores (especialistas nisseis de São Paulo recrutados para erguer um cinturão verde em torno de Brasília), dentre outros. Candangos eram os operários, qualificados ou não, geralmente vindos do interior do país. Candango era depreciativo.[3]

O governo teve um papel fundamental na promoção da desigualdade em Brasília. Os que chegavam para trabalhar na construção eram tratados com desigualdade logo ao chegar. Quem chegava com o status de pioneiro conforme acima, tinha direito de morar em habitações construídas na área do plano piloto pelo governo com o objetivo de abrigá-los e poderiam permanecer na cidade após a inauguração. Enquanto isso, os candangos só poderiam morar nos acampamentos das construtoras ou fora dos limites de Brasília. Foi assim que nasceu a chamada Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, uma cidade satélite.[4] Quando da inauguração, tanto os operários que moravam nos acampamentos, quanto os que moravam na Cidade Livre, deveriam deixar a região. O governo lançaria mão de seus poderes administrativos e policiais para remover os operários da capital construída, "negando aos operários da construção direitos de residência, pretendia evitar que o Brasil por eles representado fincasse raízes na cidade inaugural". Pretendiam os planejadores que uma parte destes operários fosse residir em chácaras ao redor de Brasília e se dedicar à agropecuária, que a maior parte fosse retornar ao seu local de origem, e ainda que uma pequena parte fosse ficar na cidade para continuar as obras remanescentes.

Não foi o que aconteceu. Por meio do que Holston denominou de ciclos múltiplos de rebelião e legitimação, os excluídos conseguiram ficar em Brasília. Não no

[3] Candango vem de *candongo*, uma palavra da língua quimbundo ou quilombo, Dos bantos do Sudoeste de Angola. O termo era usado pejorativamente pelos africanos para se referirem aos colonizadores portugueses. Chegou ao Brasil por meio dos escravos angolanos.

[4] Cidade Livre porque livre de pagamento de impostos. Já que a cidade deveria desaparecer quando da inauguração de Brasília, seus moradores assinavam um contrato de comodato, com prazo marcado para terminar com a inauguração da nova capital.

Plano Piloto, mas na periferia. Enquanto Juscelino Kubtschek construía a cidade legal, o povo construía a periferia ilegal por meio da ocupação não autorizada de terras que se transformavam em favelas. As favelas na periferia de Brasília eram chamadas de invasões. Os moradores das invasões se organizavam em associações de moradores para lutar pelo direito de moradia, caminho que levava o governo a legalizar o que antes era ilegal. Este era o caminho para permanecer na periferia de Brasília: rebelião seguida de legitimação. Foram assim que foram criadas as cidades satélites de Brasília. Este processo descrito por Holston no início da década de 80 do século passado, segue vigente até hoje e se ampliou nos governos de Joaquim Roriz[5].

A terceira e última parte do livro de Holston, denominado *A recuperação da história* trata justamente da ocupação da periferia de Brasília durante a construção e após a inauguração. É aqui onde a pesquisa demonstra mais claramente como as contradições solaparam as premissas do projeto modernista de Brasília. O autor analisa três exemplos de criação de cidades satélites: Taguatinga em 1958, Sobradinho em 1960 e Núcleo Bandeirante em 1961. Na página 294 do livro de Holston, por meio de um gráfico, o leitor pode inferir que em 1975 havia sete cidades satélites no DF: Taguatinga, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Gama, Guará e Planaltina. Todas elas ficavam a pelo menos 14 quilômetros do plano piloto. O processo de criação destas cidades tinha em usa origem as invasões ilegais de terras. Consolidada a invasão, os moradores se organizavam em associações de moradores e passavam a reivindicar a legalização ou a transferência para uma cidade satélite. A tão conhecida luta por um lote no Distrito Federal é antiga. Começou antes da inauguração da cidade e segue até hoje. Neste sentido, o texto de Holston é fundamental para entender como o que ele denominou de ciclos de rebelião seguida de legitimação continua vigente 50 anos depois. Foi este processo, sabiamente apropriado pelas lideranças políticas locais, que levou Brasília e o Distrito Federal a uma situação parodoxal: hoje, apenas 6% dos moradores e, conseqüentemente, dos eleitores do Distrito Federal residem no plano piloto. Em qualquer hipótese, quem elege o Governador do Distrito Federal e a maioria dos deputados federais, senadores e deputados distritais são os eleitores das cidades satélites, embora estas não tenham autonomia política, como será demonstrado adiante.

[5] Joaquim Domingos Roriz, natural da cidade goiana de Luziânia no Entorno do Distrito Federal, foi Governador do Distrito federal por três períodos (1988/1990, 1991/1995, 1999/2006). Neste ano de 2010 é novamente candidato ao mesmo posto.

Utopias e contradições de Brasília em seu cinqüentenário

O Distrito Federal tem atualmente um único município, Brasília, e trinta regiões administrativas. As cidades satélites seguem sem ter autonomia administrativa, embora as maiores tenham atualmente população superior à do plano piloto. São consideradas regiões administrativas do Distrito Federal e submetidas política e administrativamente ao Governo do Distrito Federal. Cada cidade satélite tem um administrador nomeado pelo Governador do Distrito Federal. Holston já havia identificado esse problema em sua pesquisa. As associações de moradores que foram e continuam a serem criadas para lutar por direito à moradia, nunca seguiram adiante após conseguirem a legalização de terras ocupadas ilegalmente ou a transferência de seus filiados para alguma cidade satélite. Nunca as cidades satélites lutaram realmente por autonomia política. Dessa forma, seus habitantes ficam muito expostos ao clientelismo político; enquanto os deputados distritais, deputados federais e senadores e o governador que elegem ficam distantes deles, exercendo o mandato na sede do governo (Palácio do Buriti), Câmara Legislativa do Distrito Federal, Câmara Federal e no Senado Federal, localizados no plano piloto. Brasília tem atualmente 2.654.059 habitantes e 1.836.280 eleitores, sendo que apenas cerca de 6% destes reside e vota Plano Piloto[6].

Atualmente, não é coerente analisar a situação política, econômica e administrativa de Brasília, sem levar em consideração, além das cidades satélites, o entorno de Brasília. O entorno é composto por 22 cidades, sendo 17 do Estado de Goiás e 05 do Estado de Minas Gerais. Ocupa 55 mil quilômetros quadrados e abriga uma população de 1.600.000 habitantes. É uma região que apresenta altos índices de pobreza e de criminalidade. É uma das regiões que mais cresce demograficamente no Brasil. Por exemplo, em Águas Lindas de Goiás a população saltou de 5.000 habitantes para 200.000 habitantes em pouco mais de 10 anos. As cidades do entorno de Brasília representam uma opção de moradia menos cara em relação ao Distrito Federal, e ainda próxima ao plano piloto. Cerca de 60% dos atuais moradores do entorno residia anteriormente no Distrito Federal. Aproximadamente 75% dos moradores do entorno trabalham no Distrito Federal. A renda per capita é de apenas 204,00 reais, enquanto a de Brasília é a maior do Brasil, 40.696,00 reais. Há uma grande dependência dos

[6] Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sítio na Internet: http://www.ibge.gov.br/cidades, acessado em 16/07/2010.

moradores do entorno da infra-estrutura de Brasília e as fronteiras físicas entre o Distrito Federal e o entorno registram intensos deslocamentos. Das 10 linhas de ônibus mais movimentadas do país, nove circulam entre Brasília e as cidades do entorno, ainda assim, as empresas que exploram estas linhas oferecem um serviço de péssima qualidade e cobram uma das passagens mais caras do país (4,25 reais)[7].

Passados quase 30 anos da pesquisa de Holston, seu texto se mantém ainda relevante para uma reflexão sobre Brasília no ano de seu cinqüentenário. Algumas de suas observações, que coincidem em alguns pontos com as considerações de Berman em prefácio mencionado de seu livro sobre a modernidade, já não são mais válidas. A crítica aos espaços vazios e à solidão como característica predominante do plano piloto, já não faz muito sentido. A *apartação* espacial entre as cidades satélites e o plano piloto, também não. Brasília tem hoje trânsito pesado, grande movimentação de pedestres e problemas de violência urbana como qualquer metrópole brasileira. Aqui agravados pela falta de sistemas adequados de: transporte público, educação pública e saúde pública. Se a periferia se aproximou espacialmente do plano piloto, o mesmo não aconteceu em termos de desigualdades sociais, econômicas e culturais. Brasília e o Distrito Federal têm um dos piores índices de distribuição de renda do país, embora tenha o maior PIB per capita, no valor de 40.696 reais, enquanto em São Paulo este índice é de 29.394 e, no Rio de Janeiro, de 22.903.

Um dos problemas mais graves do Distrito Federal hoje é a especulação imobiliária. Como já apontava timidamente Holston em seu livro, não foram apenas os despossuídos que invadiram terras no Distrito Federal. Os ciclos de ocupação ilegal e posterior legalização também foram empreendidos pelas classes abastadas do Distrito Federal, especialmente pelas grandes empreiteiras da construção civil. Uma população de cerca de 400 mil pessoas moram hoje em condomínios privados, de alto padrão, erguidos em áreas não regularizadas no Distrito Federal. Com o objetivo de legalizar estas áreas e estabelecer novas áreas habitacionais foi elaborado e aprovado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal o Plano Diretor de Ordenamento Territorial do DF (PDOT), julgado parcialmente inconstitucional pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). O PDOT foi aprovado em 2008 e sancionado em abril de

[7] Dados da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN).
Sítio na Internet: www.codeplan.df.gov.br, acessado em 15/07/2010.

2009, pelo então Governador do Distrito Federal José Roberto Arruda. Foi objeto de protestos e denúncias de vários setores da sociedade do Distrito Federal, inclusive da Ordem dos Advogados do Brasil, sessão DF. Os motivos de insatisfação são muitos, alguns de ordem legal e outros de ordem ambiental. O PDOT regulariza, dentre outros, os terrenos destinados à construção de uma nova área habitacional dentro do plano piloto denominada Setor Noroeste, localizado em área de proteção ambiental onde existe inclusive um espaço ocupado pelo chamado Santuário dos Pajés, onde moram índios. Toda essa área verde já está sendo devastada e loteada para a construção dos prédios habitacionais de alto padrão, destinado a pessoas de elevado poder aquisitivo. A aprovação do PDOT desencadeou no Distrito Federal a imediata elevação dos preços dos terrenos e imóveis localizados em áreas até então não legalizados, em cerca de 1000%. O preço do metro quadrado em Brasília é um dos mais caros do país, só comparável às áreas mais nobres do Rio de Janeiro e de São Paulo. No caso do Setor Noroeste, o metro quadrado está na faixa de 10.000,00 reais.

A especulação imobiliária não se restringe ao plano piloto, pelo contrário, os especuladores estão atualmente agindo com força total nas cidades satélites, razão pela qual os preços dos imóveis ali se tornaram também muito elevados. Se antes estas cidades eram horizontais e os moradores residiam majoritariamente em casas, agora começam a surgir os prédios de apartamentos, com muitos andares. O resultado é previsível: os moradores de baixo poder aquisitivo estão sendo empurrados para regiões ainda mais distantes e mais precárias em termos de urbanização e serviços públicos. Os moradores das cidades satélites, de baixo poder aquisitivo, estão se deslocando para as cidades do Entorno, onde o preço da casa própria e dos aluguéis é mais barato.

A utopia de Brasília previa que as margens do Lago Paranoá não seriam destinadas a moradia e seriam áreas coletivas de lazer. Passados 50 anos, elas estão ocupadas tanto pelas mansões das regiões administrativas Lago Norte e Lago Sul, quanto por clubes, hotéis, restaurantes, *shopping-center*, além de condomínios privados; acessíveis apenas aos consumidores de alto poder aquisitivo e a proprietários ou sócios destes empreendimentos.

Considerações finais

Brasília entrou no ano de seu cinqüentenário, 2010, sacudida por um terremoto moral de grandes proporções. Em 27/11/2009, a Polícia Federal deflagrou a Operação

Caixa de Pandora cumprindo 29 mandatos de busca e apreensão em 16 endereços que incluíam a Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), o Palácio do Buriti – sede do Governo do Distrito Federal (GDF), além da residência oficial do Governador José Roberto Arruda em Águas Claras. No dia seguinte, vieram a público, com autorização da Polícia Federal, os vídeos feitos com câmera escondida por Durval Barbosa, então Secretário de Relações Institucionais do GDF. Era o início da crise que ficou conhecida como "Mensalão do DEM" ou ainda "Operação Caixa de Pandora". Em um destes vídeos, o então Governador do Distrito Federal – José Roberto Arruda – aparece recebendo dinheiro das mãos de Durval Barbosa. Os advogados do Governador alegaram então que o dinheiro era para comprar panetone para distribuir às famílias pobres no Natal. O panetone acabou virando símbolo da crise. Em outro vídeo, o Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal – Deputado Distrital Leonardo Prudente – aparece recebendo propina de Durval Barbosa e agasalhando-a nas próprias roupas, inclusive nas meias. Em outro, a Deputada Distrital – Professora Doutora Eurides Brito – aparece recebendo propina e colocando em sua bolsa. Outro vídeo registra o que ficou conhecido como "oração da propina", onde o Deputado Distrital Leonardo Prudente, em companhia do também Deputado Distrital Júnior Brunelli, ambos da bancada evangélica, oram ao senhor e pedem proteção para si e para Durval Barbosa. A crise fez os partidos políticos se movimentarem: PSDB, PPS, PSB e PDT entregaram os cargos que ocupavam no GDF e o Governador Arruda pediu para sair do DEM. O Deputado Distrital Leonardo Prudente também fez o mesmo posteriormente. Em meio à crise, estudantes invadiram a Câmara Distrital em 02/12/09 e lá permaneceram por uma semana protestando contra a corrupção no GDF e na CLDF. Os protestos, e também a repressão aos protestos contra a corrupção no GDF e na CLDF, seguiram seu curso em Dezembro/2009 e Janeiro/2010. Em um deles, na Praça Buriti, em 10/12/2009, manifestantes foram duramente reprimidos pela Polícia Militar, inclusive alguns foram pisoteados pelos cavalos da polícia montada. Em meio aos protestos contra a corrupção foi criado um movimento social que se autodenominou Fora Arruda e toda a sua máfia. Em resposta a esta iniciativa, foi criado também um movimento denominado Fica Arruda. Em 04/01/2010, na abertura dos trabalhos da CLDF, manifestantes do movimento Fora Arruda e do movimento Fica Arruda, se enfrentaram em frente à sede da Câmara Legislativa. De um lado o carro de som do Sindicato dos Professores (SINPRO) servia de palanque para manifestantes, via de regra vestidos de vermelho, estudantes e militantes do movimento Fora Arruda e; de outro

lado, um carro de som de uma empresa privada servia de palanque para manifestantes do Fica Arruda, vestidos de verde e vindos majoritariamente das cidades satélites de Brasília. Para bom entendedor, aquele protesto dizia muito sobre a política do Distrito Federal. Foram interesses econômicos e políticos distintos que congregaram os dois grupos. Naquele cenário, as contradições entre Brasília e sua periferia foram magistral e teatralmente expostas.

O projeto modernista de Brasília, idealizado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, sofreu muitos revezes ao longo dos últimos 50 anos. Ainda assim, Brasília não é uma cidade igual às outras metrópoles brasileiras. Tampouco é a cidade imaginada. Para o bem ou para o mal, foi se abrasileirando ao longo do tempo, porém sua arquitetura e planejamento urbano seguem sendo algo inusitado – um patrimônio cultural da humanidade. Outro aspecto a ser ressaltado é que a mudança da capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília de fato cumpriu muito bem o papel de integrar e desenvolver o interior do país. Brasília aproximou litoral e interior e, também, as cinco regiões do país.

REFERÊNCIAS

ALMINO, J. **Cidade Livre**. São Paulo: Record, 2010.

BERMAN, M. **Tudo o que é soído desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERMAN, M. “El camino ancho y abierto”. Prefácio. **All that is solids melt into air**. Londres: Penguin Books, 1988. Tradução de Magdalena Holguín, Gaceta. Instituto Colombiano de Cultura, Santa Fé de Bogotá, Nº 16, Abril de 1993.

HOLTON, J. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

Filme

Conterrâneos velhos de guerra, documentário de Vladimir Carvalho, 1986.

Sítio na Internet

www.codeplan.df.gov.br

http://www.ibge.gov.br/cidades

http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Exposição